



Concurso Público para provimento de vagas em cargos efetivos da Carreira  
de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico

Edital Nº 1065, de 26 de dezembro de 2018

**PROVA DE CONTEÚDO PEDAGÓGICO**

Setor:

Música

Candidato:

LUIZ CARLOS FRANCO PEÇANHA

Frase:

"Se o indivíduo é passivo intelectual-  
mente, não conseguirá ser livre moral-  
mente." Piaget

Reescreva  
a frase:

"Se o indivíduo é passivo intelectual-  
mente, não conseguirá ser livre moral-  
mente." Piaget

Nº Identificador:

19327

"Se o indivíduo é passivo intelectualmente, não conseguirá ser livre moralmente." Piaget.

Questão nº 1

Há bastante tempo o presente tema é discutido, refletido e analisado por profissionais da Educação. Os avanços, felizmente, são visíveis. Porém, se pararmos para pensar friamente, chegaremos a conclusão que o caminho em busca de uma igualdade de condições educacionais para aqueles alunos com alguma necessidade especial, ainda é longo. É preciso que lutemos contra o preconceito (seja dos colegas de turma e da comunidade em geral) e que, como educadores, continuemos a lutar por uma escola cada vez mais plural e democrática. Naturalmente, também não podemos nos esquecer do fundamental papel do governo, claro, pois é ele que tem a obrigação de aparelhar as escolas de modo a poder atender tais alunos.

Em sala de aula - é preciso reconhecer - ainda ~~se~~ encontramos dificuldades consideráveis no dia-a-dia do trabalho com nossos alunos, sobretudo com aqueles que precisam de um olhar diferenciado (mas excludente) durante todo processo. Bem já citei indiretamente, ainda somos carentes de uma escola melhor equipada, não só no aspecto físico, mas também no que se refere aos materiais de uso pedagógico. Dou aqui um exemplo: dou aulas em uma escola onde temos uma aluna cega na turma de 6º ano. Pois bem, logo no início do ano letivo, e durante as reuniões, esse foi o tema predominante, isto é,

como a escola iria lidar com a tal aluna; e que a escola precisaria fazer para atender suas necessidades. Enfim, além do já obrigatório piso sensitivo, foi contratada uma profissional para acompanhá-la, a mediadora. Essa profissional, quando bem qualificada (e é o caso) e de se mostrar de fundamental importância para a aluna. Sua contribuição é extremamente valiosa, pois ela não só ajuda ajudando a aluna a se deslocar pelo espaço da escola, como também colabora para que laços afetivos sejam construídos e estreitados. Foi sem contar toda sua "parceria" durante as atividades. Aqui, destaco um ponto interessante em relação à função da mediadora, que é <sup>de sua</sup> forma de <sup>de</sup> ~~com~~ trabalhar, isto é, jamais criando qualquer relação de dependência no convívio, mas sim buscando o desenvolvimento da autonomia da aluna.

Tratando especificamente do trabalho feito em sala de aula, vejo que cada vez mais temos ferramentas metodológicas à disposição, o que, naturalmente, é bastante positivo. No caso de um(a) aluno(a) com cego(a), como o caso que relatei brevemente, penso que, acima de tudo, é preciso promover o total entrosamento com o grupo. Exercícios de apreciação musical feitos de forma coletiva podem ser uma boa opção, na medida em que, no caso do(s) aluno(s) em questão, seus ouvidos são seus olhos. Outra atividade — essa inclusive foi feita na escola onde trabalho — foi a construção, ou melhor, a confecção de figuras rítmicas próprias da notação musical com materiais diversos (cartolina etc), justamente para a aluna. Ter ~~as~~ condições de sentir a figura pelo tato, afinal de contas, no presente caso, as mãos também são seus olhos. Essa pode

ser uma saída para as escolas que não trabalham com o sistema braille.

Por fim, penso que todas as propostas que envolvam o trabalho coletivo, onde todos são igualmente importantes e responsáveis pelo resultado final (que no fim das contas, cada um é o mais importante) são, de ao meu ver, ~~sempre~~ <sup>sempre</sup> fundamentais. ~~Quanto aos aspectos individuais, estes são importantes e não devem ser negligenciados, mas não são o foco principal.~~

### Questão nº 2

Como mencionamos na questão anterior, ~~em~~ <sup>nem</sup> todas as escolas ~~que~~ estas preparadas para atender alunos com necessidades especiais, considerando a superdotação / altas habilidades, o tema ganha mais ainda mais pontos de dificuldade, ~~uma~~ <sup>uma</sup> vez que nem sempre o professor (colega de turma, função mãe e, por vezes até a própria família) tem condições de diagnosticar tais necessidades, e em evidente-  
mente acarreta em uma série de problemas, onde o mais grave, talvez seja o isolamento. Por desconhecimento das necessidades do aluno, a turma o exclui, o professor não sabe como fazer (o que acaba sendo também uma forma de exclusão) entre outros fatores. Nesse mundo, é preciso que a escola esteja sempre em contato com a família do(s) aluno(s), sinalizando situações, comportamentos, relações, enfim, que escola e família sejam praticamente um só.

Diante do exposto, proponho uma atividade de percepção que sirva, também, para a integração de turma, quase um jogo...

A atividade proposta, <sup>para as aulas,</sup> terá como conteúdo específico os dois tipos de divisões da unidade de tempo: binária e ternária, com o objetivo de, ao final dos exercícios, ~~capacitar os alunos~~ <sup>fazer com que</sup> alunos saibam diferenciar os dois tipos de divisões, o que propiciará uma apreciação musical mais completa, consistente e por que não, divertida. Na primeira parte da atividade, com a turma dividida em dois grupos (divisão espacial, mas por gênero...) os alunos terão contato, através da execução prática e em grupo, com a figura do tempo, que receberá a sílabe "tá". Em contato será feito da seguinte forma: o professor toca as duas canções (uma com divisão binária e outra ternária, sem que eles saibam) e pede para os grupos marcarem o tempo, a pulsando. É bem provável que todos façam bem, pois a intuição e sensibilidade musical são facilmente estimuladas. Feito isso, é hora de dividir as batidas (o tempo). Para essa nova etapa, é pedido para um grupo marcar o tempo com a sílabe "tá" e o outro, com palmas, dividir o tempo em duas partes iguais, ou seja, duas batidas para uma. Após a boa realização do exercício, o mesmo será feito com a divisão ternária: três batidas para uma. A diferença agora é que as outras duas partes serão chamadas de "tê". Assim teremos: div. binária - "tá tê" e divisão ternária - "tá tê tê". Para facilitar, o professor pode sugerir dois gestos para acompanhar e marcar o tempo. Para a div. binária, o gesto pendular, movendo o braço para dentro e para fora do corpo, como o pêndulo de um relógio; Para a divisão ternária, o gesto seria o circular, ou seja, traçando um círculo no ar. Dando seguimento a atividade, o professor apresenta as duas melo-



Questão nº 3:

Início minha reflexão acerca da questão proposta ~~de~~ fazendo algumas breves considerações sobre a seguinte afirmação:

~~"A marginalização da cultura no Brasil"~~

"...apenas a inclusão da música na ocidental ou 'na clássica' nos currículos não é uma ação de globalização; exige-se também a adequada preparação do professor e maturidade do aluno" (FERNANDES, 2013, p. 28)

A presente citada ilustra bem o que muitos de nós, professores, <sup>ou melhor</sup> ~~estamos~~, enfrentamos no nosso dia-a-dia. Trata-se de uma discussão antiga e que, <sup>no meu</sup> ~~no meu~~ ver, está longe de terminar, ainda mais se considerarmos o alcance <sup>e avanço</sup> cada vez maior dos meios tecnológicos, que torna o acesso a diferentes tipos de música praticamente ilimitado, desenfreado. Tendo em vista essa realidade, qual tipo de música ~~deveremos~~ devemos trabalhar com nossos alunos? Certamente uns dizem: funk, jamais! certamente universitário, nem pensar! Aqui, na aula de música, não vamos falar de "música"! E os alunos, citados, nada podem fazer, pois, para muitas escolas a autoridade do professor é inquestionável. O problema (se é que isso é de fato um problema) posto é ~~que não podemos~~ que não podemos <sup>desconsiderar</sup> o aluno, suas preferências, seus gostos musicais <sup>enfim</sup>, sua bagagem cultural. E aí surge outra pergunta: como fazer isso na sala de aula, com um grupo heterogêneo, cada um com

características, expectativas etc. A resposta parece ser simples: contemple todos os alunos. Só que, ~~mas~~ como sabemos, não é tão fácil assim. Ainda nos deparamos com situações e realidades na escola que estão longe ~~de nos~~ ~~propor~~ proporcionarem uma experiência educacional livre de preconceitos, plural e, de fato, democrática. O professor ~~está~~ em algumas situações, ainda se refere de paradigmas ultrapassados, de visões elitizadas e preconceituosas. ~~Muitas~~ Qual professor que nunca teve de parar seu trabalho de sala de aula, sem planejamento, para preparar uma "musiquinha" para alguma festa da escola? Enfim, a estrada é longa...

Voltando ao tempo ~~de~~ inicial, gostaria de narrar uma situação ocorrida comigo. Estávamos ~~falando~~ conversando no final de uma aula quando <sup>um aluno</sup> ~~um aluno~~ disse que funk não era música, que era uma brincadeira entre outros adjetivos. ~~Logo~~ Em questão de segundos a confusão foi instaurada, pois lá na sala, na conversa, também estavam uns que gostam de funk. Reações de um lado, de outra enfática do outro e por aí vai. Até que eu perguntei o motivo de tal aluno de não gostar de funk.

A resposta veio rápida: Professor, funk é uma baixaria só! Já viu a letra? Fiquei quieto, ouvi atentamente o aluno e nada falei. Até que, na aula seguinte, coloquei para todos uma canção composta por Clément Janequin, compositor francês da Renascença. Todos ouviram respeitosamente, em (razoável) silêncio aquela música "séria", cantada "a cappella" por um grupo vocal francês. Após a audição, a surpresa: tratava-se de uma canção cuja a letra beira a pornografia, bem





*Tomadas, respeitadas e valorizadas.*